

## **SEXUALIDADE E SENTIMENTO RELIGIOSO NO PALEOLÍTICO: NARRATIVAS ELEMENTARES DE HIEROGAMIAS ENTRE AS VÊNUS E OS ANIMAIS**

Flávia Regina Marquetti<sup>1</sup>  
Pedro Paulo A. Funari<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo explora, a partir das representações do período Paleolítico, a construção de narrativas elementares que constituem a preconfiguração de um arcabouço mítico, demonstrando o conhecimento ou a noção da importância da cópula, da união dos sexos para a geração de prole, pelos seres humanos do Paleolítico Superior. O artigo estuda intimidades e sentimentos em um contexto pré-histórico, buscando uma leitura menos naturalista e redutora do coito a partir do uso de paradigmas semióticos e arqueológicos.

**Palavras-chave:** narrativa, Paleolítico, hierogamia, Arqueologia

**Abstract:** The paper explores the construction of elementary narratives using Palaeolithic images. Those narratives refer to a mythic framework relating to sexual intercourse leading to reproduction, as interpreted by human beings in the Upper Palaeolithic. The paper studies intimate encounters and feelings in a prehistoric context, aiming at a less naturalist and reductionist understanding of sexual intercourse, using semiotic and archaeological interpretive frameworks.

**Key-words:** narrative, Paleolithic, sacred marriage, Archeology.

### *Introdução: arqueologia das intimidades*

A Arqueologia, surgida como estudo dos aspectos materiais e que produzem percepções nos sentidos humanos, do tato ao olfato, tem se voltado, cada vez mais, para a subjetividade e os sentimentos. Em sua origem definida como o estudo das coisas antigas, tal como na própria etimologia do termo (arkhé = antigo; logos = conhecimento), a Arqueologia voltou-se para a materialidade, para tudo aquilo que pode ser tocado e possui uma dimensão concreta (Taylor, 2008). Convencionou-se designar essa concretude com o nome de cultura material, para designar tudo que é produzido ou usado, fisicamente, pelos seres humanos (Funari, 2003). Também no início da

---

<sup>1</sup> GRUPO DE PESQUISA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA – UNICAMP e LINCEU/UNESP – FCLAR  
e-mail: flaviarm@fclar.unesp.br/flavia.marquetti@gmail.com

<sup>2</sup> PROFESSOR TITULAR DA UNICAMP - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA. IFCH/UNICAMP, C.  
POSTAL 6110

e-mail: [ppfunari@uol.com.br](mailto:ppfunari@uol.com.br)

Apoio institucional do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/NEPAM/Unicamp), do CNPq e da FAPESP

disciplina, havia a preocupação com aquilo que os gregos chamavam de *aisthesis*, a percepção, algo que remete ao universo psíquico e associado aos prazeres e sensações, como parte da Arte e da sua História (Funari, 2011).

A Arqueologia, contudo, tardou a aceitar os desafios de tratar de tais questões subjetivas, ligadas às emoções e sentimentos mais recônditos, o que se deve a muitos fatores, sendo a predominância masculina e militar talvez um dos mais determinantes. De fato, a disciplina, surgida no bojo da ação imperialista das grandes potências, foi marcada pela formação e metodologia bélica, desde os pioneiros do século XIX, até os grandes difusores da moderna prática de campo, como no caso notável e paradigmático de Mortimer Wheeler (1890-1976), com sua difusão do método de escavação por quadrículas, adotado mundo afora e bem conhecido mesmo dos leigos pela imagem de um campo dividido por uma rede de quadrados e muros testemunhos (Wheeler, 1955). Para além desse caráter militar, predominava, de maneira quase absoluta, uma perspectiva masculina que encarava sentimentos como algo a ser evitado como parte daquilo que se chamava de higinene intelectual, pois era da ordem do feminino: *feminae sunt, non considerentur* (“são coisas de mulheres, não devem ser levadas em conta”).

Era, pois, uma disciplina masculina, algo que mudou, de forma radical, nas últimas décadas, de modo que, hoje, as arqueólogas são predominantes. Essa mudança deriva das transformações sociais, dos movimentos que passaram a lutar pelos direitos das mulheres, dos indígenas, das minorias, entre outros. O desenvolvimento da Arqueologia sempre esteve ligada aos movimentos intelectuais, ideológicos e econômicos (Kristiansen, 2009: 37) e à sociedade, em geral (Wallace, 2008). Particular importância, como lembra Roberta Gilchrist (2009:1030-1031) desempenhou o feminismo, o que propiciou perspectivas críticas e destabilizadoras de discursos normativos tradicionais e axiomáticos (Hays-Gilpin, 2008: 344). Dentre os aspectos subjetivos e sentimentais, a religiosidade tem merecido atenção particular por sua relevância para as pessoas (Whitley, 2008), no passado e no presente. O tema dos encontros íntimos e sexualidade tem merecido destaque nos tempos mais recentes, como atesta o volume recém-publicado e organizado por Barbara L. Voss e Eleanor C. Casella (2011), ainda que tais abordagens tenham sido mais usuais no contexto histórico e dos contatos coloniais e imperiais.

---

Neste artigo, a partir dessas preocupações, propomos um estudo de intimidades e sentimentos em um contexto pré-histórico, a partir do uso de paradigmas semióticos. Perspectivas linguísticas e semióticas possuem larga tradição na disciplina arqueológica (Funari, 1999; Jones, 2009: 94-97) e elas podem mostrar-se de utilidade excepcional se associadas às perspectivas simbólicas e subjetivas às quais aludimos. Apresentamos um estudo que procura explorar as conotações da cópula, algo que tem sido tratado também em outros contextos históricos (Funari, 2003b) e argumentamos no sentido uma leitura menos naturalista e redutora do coito.

### *Relações íntimas no Paleolítico*

Um dos motivos mais recorrentes nas representações parietais é a hierogamia ou coito das vênus com seus consortes animais, a redução do todo (deusa ou consorte) à parte essencial (vulva, falo/chifre) é uma constante. Inúmeras imagens, de regiões as mais diversas, representam o par, guardando pequenas diferenças entre si. Dentre elas encontram-se as vênus de Angles acompanhadas por bisões e cabritos, as três vênus estão esculpidas no abrigo de Bourdois e datam do período Magdaleniano superior; limitam-se à parte medial do corpo, têm os ventres bojudos; os sexos são bem trabalhados: o triângulo pubo-genital fortemente incisivo, a vulva apresenta alguma diversidade de uma figura a outra, como também a fenda vulvar; a incisão simples, mas longa, na primeira; é mais curta e mais profunda na segunda e na terceira. Essa terceira vênus sobrepõe-se a um bisão muito sumário e é, por sua vez, subposta a outro bisão, que a encobre a partir das coxas (Delporte, 1993:85).

Essas três vênus reduzem-se, na essência, ao ventre e ao sexo, da mesma forma que a quarta, encontrada numa rocha calcária do mesmo complexo arqueológico; essa figura, associada a dois cabritos, é subposta ao mais jovem deles, que lhe toma a parte superior do corpo (Delporte, 1993:85). Tanto nos bisões, quanto no mais jovem dos cabritos é nítida a região do dorso e do sacro (órgãos reprodutores), com a presença do falo em ereção, apontado para o sexo da vênus; a cabeça alongada do mais velho dos caprinos com os chifres, confirma os elementos de força – aqui visto como arma de defesa e ataque e, portanto, de dupla virilidade. O elemento central parece ser a força,

aquilo que, muitos milênios depois seria denominado pelos latinos como *uis* e *uir*, de onde derivam violência e varão.

A Mulher sob a rena é uma das peças mais célebres do período Perigordiano, encontrada em Laugerie-Basse, gravada em uma plaqueta, fragmento de osso de rena, de formato regular, medindo 101mm de comprimento por 65mm de largura. Nessa, vê-se uma mulher, deitada sobre as costas, enquadrada pelas patas posteriores e o ventre de um animal macho<sup>3</sup>; como as demais representações femininas, a parte principal é o ventre, muito volumoso; o corpo é representado de perfil; o triângulo púbico e a vulva, nitidamente incisiva, são representados em 3/4 (Delporte 1993:69). Como nas imagens anteriores a união do macho animal com uma fêmea de formas humanas se confirma, e, neste caso, indica uma associação já estabelecida antes do Magdaleniano.

No pendente do feiticeiro de Chauvet-Pont-d'Arc, datado do Auraciano, observa-se a confirmação da equivalência falo/chifre<sup>4</sup>, pois o que está sobreposto ao delta púbico da deusa é a cabeça do homem-bisão, com seus chifres. As imagens restringem-se ao essencial de sua figurativização, ou protofigurativização, o delta pubogenital para a vênus e a cabeça do bisão com membros humanos. O pendente calcário onde as imagens se encontram localiza-se no coração da Sala do Fundo, segundo Yanik Le Guillou (INORA 29, 2001:1-2), é “um verdadeiro cone de rocha, que desce do teto para terminar em ponta à 1,10m do solo”. A parte ornada é a base. O cone sobre o qual foi representada a cena é sobremodalizado por dois valores opostos e complementares: à semelhança do delta/triângulo invertido, ele conota o sexo da deusa-mãe-natureza, a porta pela qual os animais deverão sair após a gestação; por outro lado, levando-se em conta a topografia da gruta, ele representa o falo dentro do sexo-gruta. E cria uma *mise en abyme*, espelhada ou complementar.

Ainda segundo o estudioso, pode-se observar no mesmo sítio, próximo do pendente, dois felinos, um mamute e um pequeno boi almiscarado, que compõem as representações vizinhas. Mas é a sua localização privilegiada na Sala do Fundo, diante do grande friso animal, que referenda a leitura. Segundo Le Guillou:

---

<sup>3</sup> Objeto de discussões recentes, alguns arqueólogos tomam o animal por uma rena, outros por um bisão. No outro lado deste osso, encontra-se a cabeça de um bisão, o que nos faz crer que a idéia de ser um bisão sobreposto à mulher é mais plausível que a da rena.

<sup>4</sup> Conferir: Marquetti, F. R. & Funari, P.P.A. Reflexões sobre o falo e o chifre: por uma arqueologia do masculino no paleolítico. *Revista Dimensões*, vol.26.

Nous disposons là d'indices forts de véritables constructions thématiques, étroitement associées aux contraintes topographiques du lieu. Peut-être, la représentation féminine est-elle directement en relation avec le couloir d'accès à la Sacristie, qui s'ouvre juste derrière elle? Quatre autres représentations féminines restreintes au triangle pubien sont présentes dans la grotte et elles sont toutes situées dans le réseau qui comprend la galerie des Mégacéros et la salle du Fond, y indiquant chaque fois l'entrée des diverticules adjacents. L'exemple de cette vénus et des autres représentations féminines semble montrer que la morphologie générale de la grotte et les morphologies locales des galeries et parois sont plus que prises en compte dans la réalisation du dispositif pariétal: elles l'induisent (INORA 29, 2001:1).

A representação de quatro outras vênus na rede que compreende a galeria dos Megaloceros (grande veado) e a sala do fundo, indicando cada uma a entrada dos divertículos adjacentes, marca a ligação do feminino, do triângulo púbico, com as entradas (vulvas) das cavernas e sua conotação de útero da terra. Esta associação não é frequente apenas na gruta de Chauvet-Pont-d'Arc, em outras também elas estão em posições estratégicas, em geral acompanhadas pelos cornudos, indicando a estreita relação das grutas com o feminino ou a Deusa Mãe e um ciclo de renovação da natureza que se faz com o auxílio de um macho potente<sup>5</sup>, como no pendente. Note-se, de passagem, que o motivo do monstro/animal que copula com uma deusa/jovem reaparece em épocas posteriores e é tema de uma das “histórias infantis” mais apreciada: *A bela e a Fera*. Como na imagem do pendente, a Fera coloca sua cabeça no colo de Bela, metáfora “delicada” para a cópula<sup>6</sup>.

Tanto no caso das quatro vênus de Angles, como no da mulher sob a rena de Laugerie-Basse, no pendente do feiticeiro de Chauvet-Pont-d'Arc, ou ainda dos cinco blocos da estação de La Ferrassie, datados dos períodos Auraciano II e III, onde um conjunto de vulvas é gravado em associação com animais machos pintados em vermelho ou negro (Delporte, 1993:53), documenta-se a associação da figura feminina com um macho cornudo, indicando, por meio da sobreposição do macho ao ventre da fêmea, uma união entre ambos. Essa hierogamia destinada a promover a fertilização da Deusa Mãe e de seus domínios – homem e natureza – exige um consorte à altura dos poderes da Deusa, e esse consorte é, por definição, marcado pela força física,

<sup>5</sup> Embora ainda não se tenha terminado as análises, já chama a atenção algumas diferenças nas representações do masculino: nas mais arcaicas aparece um ser híbrido, meio homem meio animal ou bastante deformado, com o falo em destaque; já nas do Magdaleniano é o animal propriamente dito que é representado.

<sup>6</sup> Conferir Marquetti, F. R. Lábios de maçã: um perfil para o feminino. *Revista Ártemis XI*.

ferocidade/agressividade, por uma virilidade acentuada e pela presença de longos chifres, com nítida preferência dada aos touros/auroques e bisões.

Representados nas paredes das cavernas, em tons de vermelho e negro, os touros, bisões, auroques, renas e mamutes são imagens vigorosas de um realismo requintado que se opõe ao traço esquemático usado para representar o macho da espécie humana – muito frágil, quando comparado a esses animais<sup>7</sup>. Um olhar mais atento sobre as representações parietais desses animais revela um conjunto de traços comuns – um conjunto sêmico que marca o reconhecimento do consorte da deusa, seja ele um touro ou um “minotauro”, pois se inscreve num contorno mínimo, numa protofiguratividade, que faz ver a energia fertilizadora e mortal.

Da gruta de Pech-Merle, Cabrerets (Lot), vem uma das representações mais interessantes, datada do Aurinaco-perigordiano, segundo Breuil, ou talvez do Solutreano, aproximadamente 15 a 20.000 a.C. (Delporte, 1993:50-52), três figuras femininas estão representadas no teto da Sala dos Hieróglifos. De uma superfície total de 40 m<sup>2</sup>, encontram-se quatro grupos traçados a dedo ou a varinha sobre argila, o grupo A compreende, segundo Delporte (ibidem:50), um emaranhado de “macarrões”, quatro mamutes e três figuras femininas de perfil, a mais completa delas está sobreposta a um enorme falo (fig. 1).



<sup>7</sup> Quando há uma antropomorfização dos animais, sempre se mantém a cabeça animal, com chifres, e o corpo humano, há inúmeros *Minotauros* nas cavernas e como no mito cretense a força/virilidade e a periculosidade são as características enfocadas. Vale lembrar que o Minotauro cretense alimentava-se de carne humana, dos inimigos de Creta.

Fig. 1 Mulher sobreposta a falo, Pech-Merle, Cabrerets (Lot)<sup>8</sup>

Como as demais representações do período, a figura feminina possui seios pendentes, ventre e nádegas volumosos; os membros inferiores são bem proporcionados, com discreta indicação dos joelhos e um giro do traço posterior que pode representar o pé. Das três imagens femininas, ela é a única a possuir cabeça dotada de um bico que pode representar os cabelos. Subposto a ela, à altura das ancas, como se ela o montasse, um enorme falo. A conotação erótica da imagem reforça o visto até o momento, bem como a ligação do coito/hierogamia com a propiciação da Natureza e de abundância de caça, pois há imagens de mamutes junto das femininas. A desproporção do falo em relação à figura feminina, pouco comum, indica o poder fecundante deste e sua aproximação com os animais de grande porte, ao passo que a idéia de ser ele montaria para a Senhora, corrobora a idéia da supremacia feminina<sup>9</sup>.

Outras imagens, de diversas localidades, confirmam a idéia de uma magia sexual ligada à caça e à Natureza, na qual a cópula ou a mescla dos elementos femininos/masculinos aos animais visavam o estímulo da Deusa Mãe-Terra e a produção abundante de alimentos, bem como a proteção desta. Dentro deste conjunto de imagens que estabelecem equivalências entre a cópula/hierogamia e animais um exemplo interessante é o da Cueva de los Casares, Guadalajara, Espanha (fig.2).

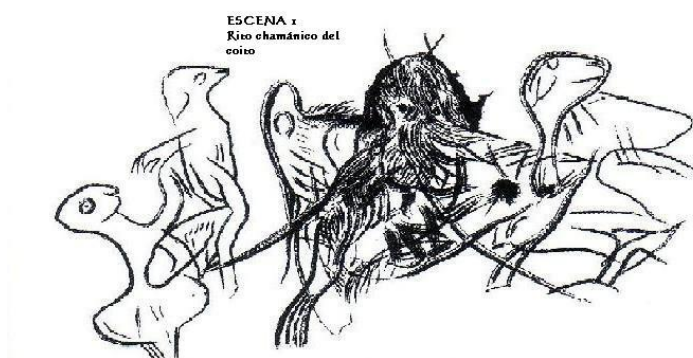


Fig.2 Cueva de los casares, Guadalajara

<sup>8</sup> Conferir imagem em : [http://www.nihilum.republika.pl/str\\_PechMerle.htm](http://www.nihilum.republika.pl/str_PechMerle.htm). Domínio público.

<sup>9</sup> É difícil não associar esta imagem ao mito de Europa, outra jovem que montou sobre um enorme touro branco e divino, dando origem a Creta, terra do Touro Branco de Posidão/Minos e do Minotauro.

Segundo Andrés Acosta González<sup>10</sup>:

El fragmento consta de cuatro grupos de figuras, ordenados de izquierda a derecha así:

1<sup>a</sup>) Una pareja de antropomorfos de distinto sexo, mostrando el femenino una acentuada esteatopigia y apareciendo el masculino notablemente ithyfálico.

2<sup>a</sup>) Dos elephas, de los cuales uno, el lanudo, tiene representación frontal y aparece parcialmente superpuesto a otro, aparentemente de piel desnuda, con perspectiva lateral.

3<sup>a</sup>) La cabeza zoomorfa de un hipotético antropomorfo, cuyo significado se nos antoja confuso.

4<sup>a</sup>) Un antropomorfo ventrudo con los brazos levantados superpuesto a un équido (aparentemente una yegua por lo abombado del vientre), existiendo, como más adelante explicaremos con detalle, una continuidad en los trazos de ambos. Y además, en la misma escena, una gran vulva en la espalda del antropomorfo ventrudo, un diminuto antropomorfo emergiendo de la zona vulvar del anterior y un pez.

O casal do primeiro grupo, segundo o pesquisador, está a 15 cm sobre a perpendicular do olho do mamute lateral que compõe a cena seguinte, levando-se em conta o ajuste do foco de luz e a morfologia da parede. Ele complementa a análise:

Los dos mamuts están a la misma altura, siendo 1,60 m la distancia al suelo de la parte más baja. El mamut de presentación lateral tiene un ancho de 16 cm contando el lomo y 6 cm su cabeza, siendo su longitud en vertical de 32 cm. El mamut lanudo tiene un ancho de 15 cm (sólo la cabeza, sin contar las longitudes de los colmillos) y una altura de 27 cm. **El colmillo izquierdo sale de este mamut y llega al bajo vientre del antropomorfo esteatopíxico de nuestra primera representación. Mide este colmillo 42 cm. El colmillo derecho sale asimismo del mamut lanudo, recorriendo unos 34 cm en dirección a lo que nosotros hemos dado en llamar la representación 4<sup>a</sup>, el antropomorfo ventrudo y la yegua, no llegando a tocar esta figura.**<sup>11</sup> La identificación del mamut lanudo es la clave de este conjunto de figuras. Está en el centro: su distancia a la pareja de antropomorfos de la izquierda es de unos 28 cm y a los cuartos traseros de la yegua de la derecha de unos 30 cm. Las tres representaciones que analizamos (la pareja de antropomorfos, el mamut lanudo y el antropomorfo ventrudo con la yegua) están todas al mismo nivel y distan del suelo en sus respectivas partes más bajas casi la misma longitud: 1,40 m; 1,60 m y 1,55 m. El conjunto es artísticamente armónico. Hay un equilibrio en todas las distancias. El

<sup>10</sup> A imagem utilizada encontra-se em: González, Andrés Acosta. *La cueva de los casares: una aproximación al estudio de grabados del paleolítico superior*. In: usuarios.multimania.es/loscasares/articulo. Ver también: CABRÉ AGUILÓ, J. (1934): *Las cuevas de los Casares y la Hoz*. en Archivo español de Arte y Arqueología, nº 30. Madrid. Disponibiliza como domínio público na Wikipedia.

<sup>11</sup> Grifo nosso.



mamut lanudo ha sido identificado como máscara solamente por Cabréen 1934 y por Jordá en 1983. Coincidimos plenamente con ellos por razones que a continuación enumeraremos. [...]

La cabeza del mamut frontal tiene contorno y volumen plenamente humanos, posee la silueta de un cráneo de persona. Los ojos de la figura tienen una disposición que corresponde al de un rostro humano. Asimismo, los colmillos se orientan en las direcciones que la intencionalidad del artista desea, pero no se disponen en la forma que un elefante tendría. Todo hace pensar en una máscara. La interpretación de Jordá es la que con mayor profundidad se ha hecho hasta la fecha. Él habla de una “máscara-mamut”, es decir, de un ser con los atributos del mamut.

Chama atenção na análise do estudioso a correlação estabelecida entre a direção para a qual aponta a presa do mamute - o ventre da figura antropomórfica esteatopígea (de ancas largas), portanto, feminina, que copula com a figura masculina e que traz feições não humanas, mas zoomorfas. Do mesmo modo, a outra presa quase chega a tocar a égua e outra imagem antropomórfica de ventre saliente, na qual está gravada uma vulva e o nascimento de um pequeno ser de forma humana.

Algumas das conclusões a que o pesquisador chega também trazem contribuições à análise em curso, sobretudo no que toca às correlações entre as figuras, as dimensões do falo e da vulva representados nas imagens e o estabelecimento de um contínuo, de um todo para as cenas, conotando um sentido semi-simbólico, portanto, mítico:

- Hay dos puntos de luz, uno cercano a la pared y otro más alejado, desde los que las tres escenas analizadas (pareja de antropomorfos y falo; máscara-mamut; antropomorfo ventrudo con vulva sobre équido) se ven como un todo único.
- La dimensión de la vulva que está a la espalda del antropomorfo ventrudo es análoga a la del falo en la escena de los dos antropomorfos, estando ambas representaciones aproximadamente a la misma altura.
- El colmillo izquierdo de la máscara-mamut apunta a la zona vulvar del antropomorfo esteatopígeico.
- El vientre del équido se continúa en la nalga del antropomorfo ventrudo. Hay un evidente posible significado simbólico de interinfluencia.

(González, A. A. Ibidem)

A idéia de conjunto estabelecida entre as três cenas configura uma narrativa elementar, ou seja, a noção de interferência de uma ação na outra (ocorrida no tempo), a cópula se liga à máscara do mamute (o personagem itifálico tem o rosto voltado para a máscara), e ambas à cena da vulva sobre a égua; reforçando esse fio condutor as dimensões análogas entre o falo e a vulva e sua localização à mesma altura, porém em pólos opostos da representação, indicam uma oposição complementar. Pode aventar-se a seguinte estrutura narrativa elementar: a máscara-mamute (sacerdote?) é o sujeito<sup>12</sup> que estabelece o elo entre a cópula do casal antropomórfico e a vulva sobre a égua, conotando que a ação da cópula tem correlação temporal (de anterioridade) com a vulva/chaga (posterioridade). Isto decorre de a presa do mamute apontar para a zona vulvar da ‘fêmea’, enquanto que o “homem” é representado como um símile do macho animal (desproporção do falo + máscara animal). Ao mesmo tempo, o falo e a vulva, em função da localização e das dimensões apresentadas, fecham um círculo, no qual a cópula com a fêmea esteatopígea equivale a uma cópula com a vulva (símbolo da Deusa Mãe/Terra) e esta é mediada pelo mamute, ou seja, a produção de alimento/caça para o grupo. Magia simpática, como diria Frazer, na qual os elementos da composição estabelecem uma relação por contiguidade e complementariedade. Ou ainda, de que a vulva é a ferida/caça do animal, que proporciona a manutenção do grupo, com nascimento do pequeno antropomorfo, novamente um ciclo de cópula, caça e nascimento mediado pela máscara-mamute, vida e morte estão em relação direta e complementar.

Na escultura da vênus de Tursac<sup>13</sup>, pode-se observar o mesmo tema e motivo retomados, a ambiguidade criada pelo escultor faz ver ora uma vênus estilizada, ora um falo, ora uma cópula. A vênus vista em 3/4 e de costas assemelha-se não só ao falo, mas também a uma ponta de chifre ou de lança, reforçando a intencionalidade do jogo já visto entre masculino, feminino e cópula.

Em outro exemplo do norte africano, da gruta de Guelmuz el Abiod, observa-se, igualmente, um casal “mítico” assentado com as costas se tocando, ambos estão dentro de uma redoma ou grinalda, como a denominou Mauduit (1959,p. 229), esta é composta por uma fita ou forma cilindróide (semelhante a uma serpente) que nasce das costas do

---

<sup>12</sup> O termo Sujeito é usado aqui no sentido semiótico – proto-actante de uma estrutura polêmica e/ou contratual. (Greimas & Courtés,1985)

<sup>13</sup> Conferir imagem em: [http://www.nihilum.republika.pl/str\\_Tursac.htm](http://www.nihilum.republika.pl/str_Tursac.htm)

personagem macho, do cóccix, (ou do meio de ambos), à guisa de cauda, envolve o casal e tem a outra extremidade, angulosa, postada diante de uma figura masculina bastante estilizada e vista de frente; ao lado desta guirlanda um animal cornudo macho, adulto, e um pequeno cabrito; atrás do animal cornudo adulto outra imagem, bastante estilizada, lembra a forma humana, como a desenhada pelas crianças, cabeça redonda sobre corpo palito. O casal mítico assemelha-se a animais, bovídeos, sendo bastante evidente o falo em um deles, por oposição, o outro seria uma fêmea. Ambos possuem cabeças alongadas e estilizadas, o macho parece possuir chifres recurvos.

Embora a reprodução não seja muito clara, é o suficiente para se notar que a cabeça da forma humana atrás do grande macho cornudo é representada com os mesmos elementos de algumas vulvas, forma ligeiramente arredondada na parte superior, com afunilamento da inferior, tendendo à forma triangular e com um sulco vertical na parte inferior, que toma metade da forma ovóide. Essa representação, somada ao sexo explícito do outro personagem, posicionado entre o casal e o bovívdeo adulto, estabelece uma correlação entre as imagens: o resultado da união do casal mítico tem seu correspondente no posicionamento do casal humano, machos e fêmeas estão posicionados simetricamente, embora o casal humano seja representado frontalmente, ao passo que o mítico está de perfil; entre o casal de humanos encontra-se o bovívdeo adulto (em três quartos), suplantando a ambos em tamanho. O macho humano parece ligar com seus braços a redoma/serpente ao bovívdeo, enquanto a fêmea humana está sob o que parece ser o rabo do animal e possui tamanho bastante reduzido. As disposições dos elementos nesta imagem sugerem uma “identidade” entre o casal mítico e o bovívdeo, dada pela semelhança das formas e da lateralidade/perfil, que se opõe à frontalidade do casal humano, mas ao mesmo tempo, é perceptível um elo tênue entre os opostos complementares: macho/fêmea dos dois casais, cabendo ao humano uma representação extremamente sinedóquica e metafórica a partir do sexo. Teríamos assim o que Edward Lopes (1986, p.67-8) denominou um mecanismo de montagem contextual, no qual se estabelece: uma *relação narrativa imanente*, localizada ao nível de uma “história”: união sexual mítica/vida; e uma *relação narrativa-discursiva anafórica* entre dois segmentos situados em partes diferentes do discurso, mas que se vinculam como contíguos por se aparentarem como parcialmente iguais e parcialmente diferentes concomitantemente: humano/bovívdeo.

A espiral/serpente será um motivo recorrente nas representações parietais e posteriores, geralmente associada ao tempo cíclico das estações. Na gravura de Abiod pode-se conotar a idéia de uma magia de retorno da caça, abundância, com o casal mítico eternamente unido no útero da Terra-Mãe<sup>14</sup>, ou circundado pelo rio/serpente primordial, que com o dessecamento do Saara, passou a ter uma importância ainda maior e exigir uma “magia” particular dos povos privados de água.

### *Conclusão*

Ao que se pode deduzir a noção da importância da cópula, da união dos sexos para a geração de prole, já era, sim, conhecida pelos seres humanos do Paleolítico Superior, só assim se justifica a correlação estabelecida por eles entre a figura feminina, o falo e o chifre; embora o feminino ainda seja dominante, há consciência da necessidade de ambos os sexos para a geração. Isto contradiz as certezas de tantas sociedades patriarcais, que deixaram toda a geração apenas a cargo do sêmen masculino, como no caso notável de Aristóteles (Witt, 1985) e de seus seguidores, ao longo dos séculos de tradição ocidental (Tuana, 1988).

Reforçando os dados extraídos das imagens analisadas aqui, observa-se a presença de painéis contíguos aos nichos de hierogamia, ou em posição de correlação, nos quais a efervescência de vida é retratada por uma profusão de imagens de animais.

As imagens analisadas, da mais alta antiguidade, revelam sentimentos e percepções muito diversos daqueles consolidados pela tradição dominada por um discurso derivado do patriarcado. Por um lado, pode perceber-se a importância dada à reprodução como ato compósito, com predomínio, nas representações, da fêmea que, de fato, dá a luz. Em seguida, as imagens associadas ao macho ligam-se à violência e a uma ambiguidade entre humano e animal, mescla que não nos deve espantar, pois essa dicotomia é anacrônica, com toda probabilidade. De fato, em muitas sociedades, como

---

<sup>14</sup> A forma da “guirlanda” que envolve o casal mítico evidencia sua ligação com a montanha ou monte. Vale lembrar que diversas montanhas são sagradas por constituírem a morada de seres divinos, a entrada para esta habitação divina é, invariavelmente uma gruta ou caverna que leva ao interior da montanha. Inúmeras civilizações utilizaram os montes/cavernas como templos e tumbas simultaneamente, ou criaram estruturas semelhantes, como é o caso do Egito e das pirâmides. O formato da guirlanda evoca ainda o do Onfálos, umbigo do mundo e neste caso a conotação de nascimento e manutenção da vida é explícita, elementos que encontram nas representações parietais sua ancestralidade.

entre os *nucaques* da bacia amazônica, animais e humanos fazem parte de um contínuo e os próprios laços de família podem incluir seres humanos e outros animais (Funari e Piñon, 2011).

Por fim, mas não menos importante, a Arqueologia mostra como, ao tratar da Pré-História, recursos heurísticos oriundos da semiótica, fertilizados, ainda, pelas discussões recentes sobre sexualidade e subjetividade, podem ser úteis para interpretar imagens de milhares de anos. Não se pode propor uma interpretação, do passado ou do presente, sem quadros teóricos e a disciplina arqueológica tem, cada vez mais, se preocupado com tais aspectos epistemológicos (Funari, Zarankin e Stovel, 2005). Estaremos contentes, se esta pequena reflexão contribuir para uma abordagem crítica do passado humano mais distante.

#### *Agradecimentos*

Agradecemos a Eleanor C. Casella, Barry Cunliffe, Chris Gosden, Rosemary Joyce, Kristian Kristiansen, Barbara L. Voss. Mencionamos o apoio institucional do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/NEPAM/Unicamp), do CNPq e da FAPESP. A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRÉ AGUILÓ, J. “Las cuevas de los Casares y la Hoz”. *Archivo español de Arte y Arqueología*, 1934, nº 30. Madrid.

DELPORTE, H. *L’image de la femme dans l’art préhistorique*. Paris: Picard, 1993.

FUNARI, P. P. A.. Falos e relações sexuais. Representações romanas para além da 'natureza'. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. da (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade. Relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP/FAEP, 2003b v. p. 299-310.

FUNARI, P.P. A.; PIÑON, A. *A Temática Indígena da Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2011.

FUNARI, P.P.A.; ZARANKIN, A.; STOVEL, E. *Global Archaeological Theory*. Nova Iorque: Springer, 2005.

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

- FUNARI, P.P.A. Arqueologia Clássica. In: BRUNO, C.; CERQUEIRA, F.V. e FUNARI, P.P.A. *Homenagem a Haiganuch Sarian*. Campo Grande: FAPESP/MAE-USP, 2011.
- FUNARI, P.P.A. “Linguística e Arqueologia”. DELTA, 1999,15. p. 1.
- GARCIA, Michel-Alain. “La piste de pas humains de la Grotte Chauvet à Vallon Pont-d'Arc”. *INORA Lettre Internationale d'Information sur l'Art Rupestre*. 1999, n°24. In <http://www.culture.gouv.fr/culture/arcnat/chaudet/fr/index.html>
- GILCHRIST, R. Sex an Gender. In: CUNLIFFE,B; GOSDEN,C.; JOYCE,R. (eds). *The Oxford Handbook of Archaeology*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 1029-1047.
- GONZÁLEZ, A. A. *La cueva de los casares: una aproximación al estudio de grabados del paleolítico superior*. In: [usuarios.multimania.es/loscasares/articulo](http://usuarios.multimania.es/loscasares/articulo). Acesso em novembro de 2010.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1985..
- HAYS-GILPIN, K.A. Gender, *Archaeological Theories*, R. Alexander Bentley, Herbert D.G. Maschner, Christopher Chippindale, eds. Lanham: Altamira Press, 2008. p. 335-349.
- JONES, A. Into the future. In: CUNLIFFE, B; GOSDEN, C.; JOYCE, R. (eds). *The Oxford Handbook of Archaeology*. Oxford: Oxford University Press, s/d. p. 89-114.
- KRISTIANSEN, K. The discipline of archaeology. In: CUNLIFFE, B; GOSDEN, C.; JOYCE, R. (eds). *The Oxford Handbook of Archaeology*. Oxford: Oxford University Press, s/d. p. 3-46.
- LOPES, E. *Metáfora. Da retórica à semiótica*. Série Documentos. São Paulo: Atual, 1986.
- MARQUETTI, F. R. & FUNARI, P. P. A. “Reflexões sobre o falo e o chifre: por uma arqueologia do masculino no paleolítico”. *Dimensões*, vol. 26, 2011. p. 357-371.
- MARQUETTI, F. R. “Lábios de maçã: um perfil para o feminino”. *Revista Ártemis*. Vol. 11, Dez, 2010. p. 35-49.
- MAUDUIT, J. A. *Quarenta mil anos de arte moderna*. Trad. Pierre Santos e Jorge A. R. R. Alves. Belo Horizonte : Editora Itatiaia, 1959.
- TAYLOR, T. *Materiality*. Lanham: Altamira Press, 2008. p. 297-320.
- TUANA, N. “The weaker seed. The sexist bias of reproductive theory”. *Hypatia*, 1988, 3, 1, p. 35-59.
- VOSS, B.L.; Caella, E.C. *The Archaeology of Colonialism, Intimate encounters and sexual effects*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- WALLACE, G. *Archaeology and society*. Lanham: Altamira Press, 2008. p. 395-407.
- WHEELER, M. *Still digging*. Londres: Great Pan, 1955.
- WHITLEY, D. S. *Religion*. Lanham: Altamira Press, 2008. p.547-566.

WITT, C. “Form, reproduction, and inherited characteristics in Aristotle’s *Generation of Animals*”. *Phronesis*, 1985, 30, 1, p.6-57.